

Gargalhadas de sofrimento: as consequências da construção do falso self na sociedade contemporânea

Aldina Cristina Sousa Castros¹
Camila Fraga²
Loriama Valente³
Luciana Ferraz⁴

Resumo: O objetivo deste trabalho é compartilhar a experiência vivenciada, como psicólogas e psicanalistas, ao assistir o filme *Coringa*. Trata-se uma película atual e muito impactante, que fala do mais profundo do ser humano: a sua constituição psíquica e a importância do ambiente nessa construção. Quem foi ao cinema esperando encontrar um filme comum de super-herói acabou se deparando com algo que nós, indivíduos e sociedade, muitas vezes não conseguimos enxergar, ou preferimos não enxergar, isto é, as consequências

1 Psicóloga, psicoterapeuta em formação em Psicoterapia Psicanalítica no Gaepsi - Associação de Psicoterapia Psicanalítica.

2 Psicóloga, psicoterapeuta em formação em Psicoterapia Psicanalítica no Gaepsi - Associação de Psicoterapia Psicanalítica.

3 Psicóloga, psicoterapeuta em formação em Psicoterapia Psicanalítica no Gaepsi - Associação de Psicoterapia Psicanalítica.

4 Psicóloga, psicanalista pelo CEPdePA, coordenadora e supervisora do Gaepsi - Associação de Psicoterapia Psicanalítica.

em maior ou menor grau do desamparo com o qual chegamos neste mundo ao nascer, e com o qual passamos a vida inteira sendo confrontados e convocados a dar conta. Escolher um único viés para falar sobre esse tema é desafiante diante das possibilidades que a história nos oferece, por isso optamos percorrer pelo possível fracasso da relação primitiva no desenvolvimento emocional primitivo, buscando na teoria de Donald Winnicott a sustentação para nossas reflexões.

Palavras-chave: Constituição psíquica. Desamparo. Relações primitivas.

Introdução

Sorria, mesmo que seu coração esteja doendo. Sorria, mesmo que tudo esteja partindo. Quando há nuvens no céu, você vai superar se sorrir durante medo e sofrimento. Sorria e talvez amanhã você veja o sol brilhando para você.
(Smile, Charlie Chaplin, 1936)

Ao assistirmos ao filme *Coringa*, vencedor do Oscar 2019, fomos atravessadas pelo desejo de escrever, para tentar entender, elaborar e, talvez, dar algum sentido para tanta dor e angústia à vida caótica do personagem Arthur Fleck. Difícil foi escolher por qual viés faríamos nossa escrita. Após algumas reflexões, escolhemos trabalhar com o fracasso da relação com o objeto primário e as possíveis consequências no desenvolvimento do indivíduo.

Arthur apresenta-se, desde o início, como uma pessoa muito frágil, mas que busca um lugar, um apoio, um amparo na mãe, nos colegas, na vizinha, na sociedade. Porém, o que recebe é hostilidade, agressão e invasão, necessitando receber contenção e *holding* (suporte).

Winnicott (1945/2000a) apresenta três processos pelos quais o bebê necessita passar no início da vida, sendo eles: integração, personalização e realização. Sendo assim, no início da vida existe a necessidade de alguém que seja emocionalmente capaz de “unir os pedacinhos”, dando sentido, possibilitando a integração que formará o *self* como unidade. Não passar, satisfatoriamente, por esse processo implica ao sujeito risco de despersonalização.

Na trama, surge a informação de que a mãe de Arthur é uma “louca”, que foi diagnosticada como psicótica e esteve internada em um sanatório. Uma mãe nessa condição emocional poderá ter dificuldade em promover o *handling* (manejo) e *holding* (sustentar, segurar), cuidados preconizados como essenciais para que haja a união da psique com o soma. Segundo Winnicott (1945/2000a), as mães “normais” precisam regredir a um estado que se

assemelha a uma psicose. É necessário ser saudável para entrar nesse estágio e se recuperar dele; a mãe permanece nele por um período, mas retorna ao seu estágio “normal” para retomar sua vida pessoal, como trabalho e outras atividades, apresentando outros objetos ao bebê. Aos poucos vai mostrando-se substituível, introduzindo uma realidade compartilhada, que Winnicott chama de fase da realização.

Essa união, escreve Winnicott (1945/2000a), é favorecida pelos cuidados maternos, é o que permitirá ao bebê sentir-se dentro do próprio corpo, caracterizando o processo da personalização. As falhas nessa etapa são significativas e a desintegração pode ser iminente, dificultando perceber mente e corpo interligados.

“É bom lembrar que o começo é a soma de começos”, redige Winnicott (1965/1983, p. 56). Pensamos que Arthur sofreu muitas falhas e faltas, o que não lhe proporcionou alcançar a fase da realização, que se caracteriza pela capacidade do sujeito de estabelecer relações interpessoais com objetos, com o tempo e o espaço, sobretudo com a realidade do mundo externo. Nessa perspectiva, o personagem não era um sujeito capaz, mas sim sobrevivia, tendo uma vida repleta de prejuízos e perdas.

Na vida normal do bebê ocorrem longos períodos de tempo nos quais o bebê não se importa em ser uma porção de pedacinhos ou um único ser, nem se vive no rosto da mãe ou em seu próprio corpo, desde que de tempos em tempos ele se torne uno e sinta alguma coisa. (Winnicott, 1945/2000a, p. 224)

Essas etapas do desenvolvimento do bebê só podem ser vivenciadas se houver um suporte, um *holding*, de uma mãe ou cuidador(a) que sustenta, resiste, contém e acolhe, física e emocionalmente o bebê, e que seja capaz de apresentar falhas gradativas para que seu bebê se desenvolva e estabeleça uma verdadeira relação com o mundo externo.

No caso de pacientes psicóticos, Winnicott nos lembra que “essa falta essencial de uma verdadeira relação com o mundo externo é quase a história toda” (Winnicott, 1945/2000a, p. 227). A vida de Arthur foi de tal modo, ou seja, a falta essencial de uma verdadeira relação com o mundo externo e interno parece ser a história toda. Diante do fracasso da relação com o objeto primário, Arthur, para sobreviver ao ambiente, desenvolveu um falso *self* manifestado através de uma risada densa, involuntária. Um riso gélido, aflito, esvaziado, doído, que ecoa e invade o telespectador. Frases como: “Minha mãe sempre me diz para sorrir e fazer uma cara alegre.”; “Vim ao mundo para fazer os outros sorrirem.”; ou “Durante toda a minha vida eu nem sabia se eu realmente

existia.” nos possibilitam observar a incapacidade do sujeito de ser e se sentir real. Havia a sentença de fazer rir e produzir felicidade como condição de vida. Através da imposição da mãe, Arthur torna-se um “palhaço”, assume para si esse papel, porém, triste e infeliz. Em um sopro de esperança, havia em Arthur um desejo de ser comediante, de ser “visto”, de ser olhado pelo mundo, talvez para confirmar as palavras maternas.

Uma grande parte dos problemas emocionais do indivíduo, segundo Winnicott (1990, p. 135), compreende os estágios mais primitivos:

Os bebês ainda menos afortunados, aos quais o mundo foi apresentado de maneira confusa, crescem sem qualquer capacidade de ilusão de contato com a realidade externa; ou então, esta sua capacidade é tão frágil, que facilmente se quebra num momento de frustração, dando margem ao desenvolvimento de uma doença esquizoide. (Winnicott, 1990, p. 135)

No início, o indivíduo não é uma unidade, e as falhas durante a dependência absoluta deixam marcas, memórias do desastre ocorrido em seu Eu, impedindo que ele passe da dependência para a independência. Trata-se de uma fase repleta de armadilhas, e do sucesso nessa etapa depende a saúde mental no que diz respeito à psicose (Winnicott, 1952/2000b).

Ultrapassar bem essa etapa depende dos cuidados maternos. A mãe suficientemente boa ou devotada comum, que mencionamos anteriormente, encontra-se em um estágio que Winnicott (1952/2000b) chamou de preocupação materna primária. Essa regressão permite a identificação da mãe com seu bebê, tornando-a capacitada para investimentos afetivos e para compreender intuitivamente as necessidades de seu bebê, estando em sintonia com ele. A partir da relação bebê-seio da mãe, ele começa a compreender a realidade externa. Existe um “entre” no ato da amamentação (seio/mamadeira), que não se limita só à alimentação, mas inclui o tempo de espera, a voz, o segurar e o olhar. É necessário que haja uma continuidade e uma estabilidade para que ocorra a relação do bebê com o objeto. O bebê precisa sentir-se onipotente pela ilusão de ter criado o seio, e à mãe cabe, no momento adequado, desiludi-lo também, para compreender a realidade externa, resistindo às falhas e frustrações. Quando existem muitos prejuízos significativos, eles representam uma ameaça de aniquilação.

Arthur não teve essa possibilidade de desenvolvimento, o ambiente não conseguiu fazer a leitura das suas necessidades, não estava em sintonia com ele. “Um menino feliz que nunca chorava” nas palavras da mãe, negando toda a desgraça de miséria e maus-tratos que permeavam sua vida, não havendo a

possibilidade do desenvolvimento de um “vir a ser”. Ele cresceu sem conseguir ter experiências pessoais e sociais satisfatórias.

Winnicott (1965/1983, p. 134) afirma que “no caso da mãe não se adaptar suficientemente bem ao bebê, o lactente é seduzido à submissão, e um falso self submisso reage às exigências do meio e o lactente parece aceitá-las”. Frente a uma vida de falsidades, inverdades, sofrimentos, a loucura se instala. Arthur não consegue (re)significar sua história e seu verdadeiro *self* é despertado de forma destrutiva, através da violência, da agressão. O caos do mundo interno é lançado externamente, torna-se sustentado, aplaudido, produzindo um “coletivo caótico”, irracional, que o apoia.

Winnicott (1965/1983) sustenta que o bebê vê a si quando olha o rosto da mãe. A mãe de Arthur não o enxerga, e ele passa a desejar ser a única coisa que a mãe vê, ou seja, o apresentador do *talking show*. Ser aquele que, talvez, representasse a figura paterna tão indefinida e misteriosa no filme. A trágica solução é encontrada matando, concretamente, aqueles que há muito já estavam mortos na sua vida. Arthur mata de forma real e, fortalecido em sua onipotência doentia, dá luz ao *Coringa*. Podemos observar que frente a um ambiente não suficientemente bom, o falso *self* constitui uma defesa, uma proteção muitas vezes necessária para o verdadeiro *self*, ou seja, a produção de um falso *self* incidirá numa organização decorrente das ameaças ao verdadeiro *self*.

Entre alucinações e máscaras, Arthur nos perturba e nos instiga. “Durante toda minha vida, eu nem sabia se eu realmente existia. Mas eu existo. E as pessoas estão começando a perceber”, ele diz. O total desamparo o ampara, fazendo surgir um sujeito capaz de vincular sua relação com o mundo através da violência que se afina interna e externamente.

O filme nos coloca em contato com realidades perturbadoras, desconstrói-nos, produz dúvidas, faz-nos entrar em questões sociais, que muitas vezes nós segregamos. Existe algo que nos cega, que anestesiemos para, talvez, darmos conta e sustentar uma sociedade produtora de “falso *self*”, que todo o tempo nos propõe negar nossa não perfeição, esconder nossas verdades, para fazermos parte da condição narcísica que nos transpõe.

Afinal, o que de tão terrível possuímos enterrado em nosso interior que não possa ser percebido e olhado em uma verdadeira “selfie”, em uma foto sem filtro, tal qual um autorretrato que se revela e se conhece na própria consciência? Como vamos ver e perceber o outro se estamos perdendo a capacidade de vermos verdadeiramente a nós mesmos? Parece-nos que as consequências destrutivas são grandes.

“O mundo despedaça todas as pessoas e, posteriormente, muitos se tornam fortes nos lugares partidos” (Hemingway, 1929).

Arthur passou por tanto desamparo que nem a fantasia de palhaço pode ser uma via para uma vida estruturada. Sobrou espaço somente para a psicose, a psicopatia que, infelizmente, fez dele alguém desesperadamente importante, reconhecido, aplaudido e adorado. Foi nos olhos de uma sociedade doente, talvez também desamparada, que pela primeira vez ele se viu e se sentiu vivo, através de seu verdadeiro *self*, porém destruidor e mortífero. Talvez esta fosse a única carta que lhe restava na manga: o CORINGA!

Conclusão

Levando em consideração o que foi dito acima, enquanto sociedade, o que nos cega? Talvez o medo de entrar em contato com sujeitos tão fragmentados, ou o assombro de entrar em contato com o nosso próprio desamparo.

Para dar conta dessas angústias de desespero e de vazio, nós psicanalistas, amparados pelo tripé, ou seja, teoria, análise pessoal e supervisão, tentamos auxiliar o sujeito que chega em nossos consultórios em sofrimento psíquico, por meio do *holding*, a fim de desenvolver amparo, através de uma escuta sensível. Assim sendo, temos a possibilidade de oferecer o nosso corpo como continente, fazendo algo parecido com o que uma mãe faz com seu bebê.

Pertencendo a um ambiente que sustente o sujeito, ele cria a capacidade de existir em seu psiquismo. Podemos pensar que uma escuta sensível e um olhar suficientemente bom, possibilitaria o desenvolvimento, de modo a fazer (re) nascer e se integrar a criança fragilizada que há nos adultos “disfarçados” de Coringa.

Com base no que foi apresentado, buscamos compreender o desenvolvimento da relação do bebê com o cuidador(a). Percebemos que as experiências iniciais vividas pela criança são de extrema importância para sua constituição psíquica. Contudo, quando o ambiente não se apresenta de forma favorável, a construção das aquisições psíquicas, podem resultar em patologias, uma delas, poderá ser a psicose, tema discutido neste artigo.

Risos congelantes circulam vida a fora, porém é possível pensar que sorrir faz parte da nossa existência, mas sorria de forma real e verdadeira, e chore e sofra, se assim for preciso.

Sorrow laughs: the consequences of false self construction in contemporary society

Abstract: The objective of this paper is to share the experience from the authors' perspective about the movie *Joker*. The current and impressive film reveals the deepest about the human being: the psychological constitution and the ambience importance in that construction. For those who went to the movies hoping to find an ordinary superhero film, ended up with something that individuals and society often prefer not to see, the meaning of the consequences of the helplessness that individuals are when they born, and spend their entire lives being confronted and challenged about. To choose a bias to talk about is difficult given the possibilities that history give us, therefore we chose to go through the possibility of failure of the primitive relationship in primitive emotional development, using Donald Winnicott's theory to support our reflections.

Keywords: Helplessness. Primitive relationships. Psychic constitution.

Referências

Hemingway, E. (1929). *A farewell to arms*. EUA: Cornerstone.

Winnicott, D.W. (1983). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 55-61). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1965)

Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. W. (2000a). Desenvolvimento emocional primitivo. In *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (4a ed.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1945)

Winnicott, D.W. (2000b). Psicose e cuidados maternos. In *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (4a ed.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1952)

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 14/04/2020

Aceito em: 04/05/2020

Aldina Cristina Sousa Castros
Avenida Plínio Brasil Milano, 143/503
90520-002 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: aldina_cristina@hotmail.com